

AJ030229

Pobres e cheios de promessas

“Nós temos uma dívida social com a população”, afirmou recentemente, numa entrevista a A GAZETA, o prefeito Carlito von Schilgen. Na mesma ocasião ele prometia trabalhar para pagar essa “dívida”. Além de analisar a ação do Promorar em bairros como São Pedro, no último dia 12 ele iria inaugurar, em Maria Otriz, a escola de 1º grau Juscelino Kubitschek de Oliveira (o que o estágio em que se encontravam as obras não permitiu).

Uma visita a Andorinhas, Ilha das Caieiras, Maria Ortiz, e São Pedro mostra que a dívida não é pequena e que dificilmente será paga.



Poluição do mangue impede desenvolvimento das crianças



Em Andorinhas, dezenas de casas dentro de esgotos

Andorinhas não é propriamente um bairro onde se pode encontrar pássaros voando alegremente, como sugere o nome. Não há rede de esgotos, falta água e a esperança também quase não mais existe entre os moradores.

Há uns seis ou sete anos, quando o mangue foi aterrado, os habitantes de Andorinhas chegaram a pensar que suas dificuldades iriam se acabar. Inexplicavelmente, porém, uma grande área foi esquecida. Nela, centenas de famílias habitam barracos de madeira que se equilibram precariamente sobre faixas de mangue, sem as mais elementares condições de higiene.

Iracilda dos Santos mora em Andorinhas há 16 anos. Bem ao lado do seu barraco, uma manilha despeja constantemente dejetos que viriam de Maruípe. A maré, em virtude dos aterros que cercam a área, não tem força para levar o esgoto. E uma água preta fica ali estagnada, exalando um odor repugnante — um foco de parasitas a céu aberto.

Iracilda vive com o marido e quatro filhos dentro dos dois cômodos de madeira. Um serve de cozinha, sala de jantar e de visitas. É um espaço pequeno para acomodar o fogão, uma cristaleira de fôrmica, um sofá comprado em segunda mão e uma mesa de compensado com

varicela e coqueluche, sem contar os casos de desnutrição.

Os moradores consideram satisfatório o atendimento médico do Centro Social da Prefeitura. “A dificuldade maior — conta Campagnolli — é que eles não podem comprar os remédios receitados. Os tratamentos nunca são cumpridos à risca”. A Central de Medicamentos não tem capacidade para atender aos pedidos e são os próprios médicos que trazem algumas amostras grátis de seus consultórios para a distribuição aos doentes.

Tratamentos dentários já foram realizados no Centro. Atualmente, não se tem notícias do dentista, mas uma funcionária garante que ele “virá em breve”. Restam, portanto, as atividades recreativas, os cursos de trabalhos manuais, uma pequena escola pré-primária e cursos noturnos do Mobral e Projeto Conquista.

Os moradores de Andorinhas querem também policiamento no bairro. Dizem que à noite acontecem “muitas aruaças, principalmente perto dos botiquins”.

O OUTRO EXTREMO

No outro extremo de Vitória está a Ilha das Caieiras, outro bairro muito pobre. Em setembro de 1977, uma equipe do Projeto Rondon trabalhou na Ilha das Caieiras, fez um levantamento de suas condições sócio-econômicas e de saúde. Encontraram uma população — como

nunca foi regular. Hoje os canos estão danificados e os moradores têm que se contentar com a distribuição feita pelos carros-pipa, duas vezes por semana — ou recorrer a poços, muitas vezes contaminados ou muito próximos às fossas. Mesmo assim, são raras as famílias que ferveem a água barrenta que conseguem.

De um modo geral, as casas não possuem banheiros e muitos sanitários foram construídos nos fundos, diretamente sobre a água do mar. Chiqueiros de porcos e outros animais comprometem ainda mais esse quadro nada edificante. A maior parte das casas é de madeira, taipá ou estuque. O piso tanto pode ser de tábuas quanto de cimento.

Cerinha Barreto vive numa dessas casas de madeira com piso de cimento. Em três cômodos pequenos vivem oito pessoas. Mas camas só existem duas, uma sem colchão. “A noite a gente espalha as esteiras pelo chão e dorme”, observa Cerinha com naturalidade.

Como acontece com grande parte da comunidade, Cerinha vive da pesca. Desse trabalho participam ainda o marido, dois filhos adolescentes e os dois menores. Há sempre muito que fazer: remendar uma rede, vedar frestas da canoa velha ou desfiar os siris que ela vende no mercado. Quando não consegue pescar o número suficiente, compra dos vizinhos a Cr\$

conseguiu obter as tábuas e cimento que o Centro Comunitário distribui.

“Já estamos amarelos de pedir água e um orelhão (telefone), mas eles não botam nunca”, reclama Cerinha. Evitou comentar a assistência médica prestada pelo posto que serve à comunidade, explicando que prefere o de Santo Antônio porque “lá a gente faz a consulta e ganha os remédios também. Aqui, não”.

SÃO PEDRO, O ESCOLHIDO

São Pedro foi o primeiro bairro selecionado para a implantação do Projeto de Erradicação das Moradias Subumanas — Promorar. O aterro do local, iniciado no mês de junho, se desenvolve “rigorosamente dentro dos cronogramas”, conforme garantiu recentemente o prefeito de Vitória. Porém, os moradores acham que as obras “se arrastam que nem tartaruga”.

Mais de 500 famílias vivem em São Pedro. Uma de suas maiores preocupações tem sido o abastecimento de água. Nas poucas casas onde existem encanamentos, a pressão é muito fraca para encher as caixas. A água só chega em dias alternados. Apesar disso, a Cesan — acusam os moradores — continua enviando as contas, que, evidentemente, os moradores não pagam. A alternativa, novamente, são os poços existentes. As filas nesses locais são tão grandes que todos têm que se contentar com uma quantidade mínima de

As crianças

tomam banho na creche

As 6 horas da manhã, as primeira crianças começam a chegar na creche de Andorinhas — que funciona numa antiga escola, local que já serviu também para lavagens de roupas. Algumas vêm ainda sonolentas e dormem mais um pouco. As 8 horas todas as 60 crianças se reúnem numa sala espaçosa para, sentadas num banco de madeira à volta de uma mesa, ou mesmo no chão, tomarem leite, comerem pão com manteiga ou mingau.

Depois do banho, as crianças vestem o uniforme fornecido pela própria creche — calção azul e camisa em listras azuis e brancas — e estão prontas para o almoço. O cardápio, bastante variado, inclui normalmente arroz, ou massa, feijão, carne, verduras e frutas. “Tia, o Zé quer mais”, “Tia, já comi

acomoda o fogão, uma cristaleira de fôrma, um sofá comprado em segunda mão e uma mesa de compensado com quatro cadeiras. No quarto, mal cabem uma cama de solteiro e outra de casal — local onde a família se acomoda diariamente para dormir. Cordas de nailon sustentam roupas surradas, enquanto pedaços de papelão remendam os buracos das paredes.

“O pior de tudo é a falta de água”, reclama Iracilda.

Este é um dos problemas comuns aos habitantes de Andorinhas. Em dias alternados eles conseguem água distribuída por um carro-pipa. Serve para beber ou tomar banho, de bacia.

Como centenas de casas do local, a de Iracilda não tem sanitário. Ela utiliza o da vizinha — uma fossa canalizada diretamente sobre os despejos de esgotos já existentes. Em síntese, essa área de Andorinhas não tem as mínimas condições de infra-estrutura, necessárias a uma existência em condições humanas.

“O que é que a gente pode fazer? Isso aí tem um cheiro terrível e ninguém consegue dormir sossegado com tanto mosquito”, diz Iracilda. Os moradores estão, inclusive, dispostos a aterrar o local, caso os esgotos sejam canalizados para mais longe.

UMA TELEVISÃO PAGA

Iracilda completa o salário do marido, soldador da Coenco, lavando roupas para fora — apesar da falta de líquido. Normalmente a dieta da família reduz-se a arroz, feijão ou polenta, no almoço e no jantar. “Carne? Só lá uma vez ou outra”, confessa. Por sorte, o Centro Social do bairro lhe dá quatro quilos de leite em pó por mês, o que a família consome em 20 dias. Apesar de tudo, foi possível juntar umas economias para comprar uma televisão, “que, graças a Deus, já está paga”. Ela diz que com isso está feliz, e não quer sair de Andorinhas. Pensando bem, ir para onde?

“Vi outro dia na televisão falando que iam ajudar os pobres. Não acredito. Quando a gente puder, nós mesmos é que temos que dar um jeito nessa podridão”, garante ela.

Há algum tempo atrás — garantem moradores do local — umas seis ou sete crianças tiveram problemas respiratórios, desmaios, feridas por todo o corpo, mal atribuído à poluição do mangue. Chegaram a ser internadas, mas até hoje ninguém sabe que doença tiveram. Não são raros os casos de famílias que tiveram que deixar o bairro, pois os filhos estavam permanentemente doentes, com desenvolvimento abaixo do normal. As mães reclamam ainda que mal começam a andar, os bebês têm que aprender a se equilibrar sobre as pontes de tábuas. Os maiores não têm espaço para brincar.

“Um dia desses meu sobrinho caiu e quase morreu afogado. E muitos já perderam perna e braço aí”, afirma Rosilda Pereira.

Porém, o pediatra Hildebrando Campagnoli desconhece o caso da espinha doente relatada pelos moradores e garante que durante o tempo em que trabalha em Andorinhas tem atendido, no local, a crianças com resfriados, gripes e verrugas. Houve ainda surto de sarampo,

condições sócio-econômicas e de saúde. Encontraram uma população — como relatou a imprensa na época — sofrida e desiludida com as promessas dos políticos, feitas nos tempos de eleição.

Os moradores de Caieiras vivem quase que exclusivamente da pesca, a maioria morando em palafitas plantadas no mangue. Da mesma forma que Andorinhas, a Ilha das Caieiras não tem as delícias que sugerem uma ilha, geralmente cercada de água limpa por todos os lados. Por ironia, Caieiras não tem nem água, nem esgotos.

As residências são construídas junto ao mar, ao longo dos mangues ou em precários aterros. O único acesso ao bairro é através da Estrada do Contorno, através de Santo Antônio ou por Maruípe. Não existe calçamento e as ruas de terra batida se transformam num imenso lamaçal nas épocas de chuvas.

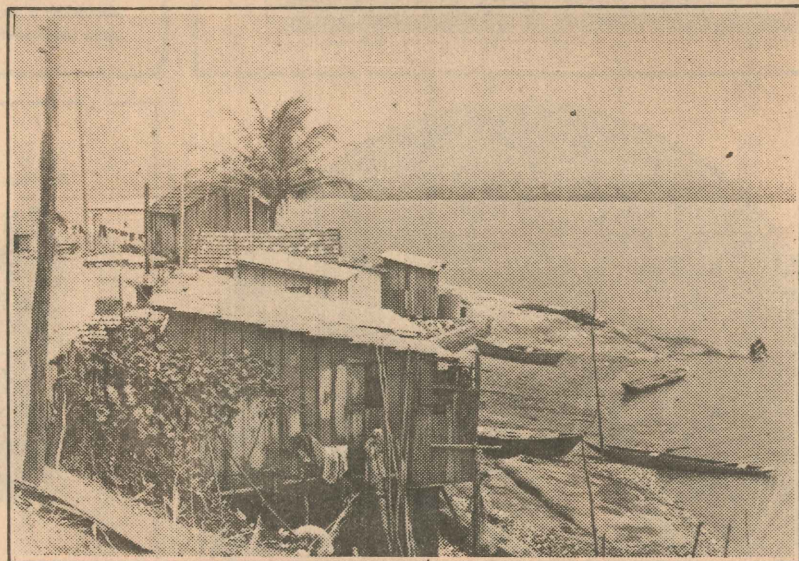
Apesar de possuir uma rede de água instalada, o abastecimento a Caieiras

Quando não consegue pescar o número suficiente, compra dos vizinhos a Cr\$ 30,00 a dúzia e revende, desfiados, a Cr\$ 250,00 o quilo.

Na mesma cozinha em que prepara moquecas, Cerinha tem cabides improvisados sustentando peças de roupas íntimas ao lado, uma das duas camas da casa e sob ela um urinal de ágata onde a família faz as suas necessidades, lançadas depois ao mar — no ciclo do caranguejo, já descrito no Nordeste por Josué de Castro. Ou seja: o homem come o caranguejo que vive dos restos do homem.

No outro cômodo, novinha, está o orgulho da família — uma televisão adquirida há menos de um mês para ser paga em 15 prestações não muito suaves para os recursos dos Barreto.

Mas Cerinha parece não ter muitas reclamações — os vizinhos “são bons” e ela se habituou ao local, onde vive “há mais de 20 anos”. Sem dúvida, gostaria de reformar sua velha casa, mas ainda não



Ciclo do caranguejo na ilha das Caieiras



Barracos reconstruídos em São Pedro

ou mingau. Um pouco mais tarde, por volta das 10h30m, as atividades são interrompidas. Chegou o momento do banho de chuveiro.

“Isso é importante aqui”, diz uma das professoras. “A maioria das crianças raramente toma banho em casa. Aqui elas até escovam os dentes”.

A Creche Casulo de Andorinhas, inaugurada em outubro de 1978, é mantida pela Prefeitura de Vitória, em convênio com a Legião Brasileira de Assistência. Ao todo são três professoras, duas babás, quatro serventes e uma cozinheira, que se revezam no atendimento às 60 crianças, com idade de dois a seis anos — uma pequena parte em relação ao número de crianças do bairro.

Nenhuma taxa é cobrada, garante a coordenadora, Rosa Maria do Sacramento, pois “a creche existe para facilitar a vida das mães que trabalham fora e não têm condições de pagar a uma pessoa para cuidar dos filhos”. As instalações são modestas: cozinha, refeitório, duas salas, três banheiros e uma área. Algumas reformas estão sendo feitas para aproveitar melhor o espaço.

“No próximo ano vamos ter que exigir das mães uma prova de que realmente estão trabalhando”, esclarece Rosa.

Antes do banho da manhã, as crianças mais crescidas fazem modelagem, pintura, recortes e

o “Zé quer mais”, “Tia, já comi tudo”. A satisfação das crianças pode ser avaliada pelos gritos e sorrisos. O mesmo ambiente de festa se repete às duas horas, no lanche, e às quatro, no jantar.

Há momentos, porém, que a creche mergulha no silêncio. Enquanto as crianças almoçam, colchões de espuma são arrumados no chão, na sala ao lado. Ali elas descansam durante uma hora. Antes disso, a coordenadora consulta a lista daquelas que devem tomar algum medicamento e lhes dá, de acordo com as instruções do pediatra. Diariamente, dr. Hildebrando Campagnoli passa pela creche para examinar algumas crianças. Mesmo que ninguém apresente sintomas de doenças, ele faz um controle geral.

Dentro da população infantil do bairro de Andorinhas, as 60 crianças da Creche Casulo não deixam de ser privilegiadas. E embora não exista qualquer perspectiva de solucionar o problema daquelas com idade inferior a três anos, cujas mães também têm necessidade de trabalhar, os moradores consideram a creche já uma grande conquista. “Não sei o que ia fazer se tivesse que deixar o emprego. O dinheiro que eu e meu marido recebemos mal dá para comer. Pelo menos o mais novinho eu sei que está bem alimentado”, confidencia a mãe de um menino de dois anos.

Depois do banho, roupa limpa e almoço.



Depois do banho, roupa limpa e almoço

Alguns moradores de São Pedro já perderam as esperanças. Je verem o abastecimento de água normalizado. Várias vezes procuraram a Cesan e a Prefeitura. Obtiveram promessas de solução, mas até agora o quadro não se modificou. Geralda Gomes, que está no bairro há pouco mais de um ano, explica que, com as obras, “temos necessidade de água, pois a poeira entra pelas casas e nada fica limpo”.

Com os aterros dos mangues no bairro de São Pedro, quase todos os barracos tiveram que ser demolidos. Alguns ainda permanecem soterrados com a terra a obstruir a entrada. Os moradores estão apreensivos porque não existem manilhas no local, o que indica que a rede de esgotos que tanto aguardam não seria para já. Na porta do seu barracão de apenas um cômodo, ainda sem o teto, uma moradora pergunta: “Onde é que vamos despejar o urinol, agora que estão aterrando tudo?”.

Mas, na verdade, a população de São Pedro recebeu com alegria o aterro do Promorar. Não sem um pouco de desconfiança. José Vieira, coveiro do cemitério de Santo Antônio, diz que “a gente ouve falar em melhoramentos. Falam até em casa de alvenaria. Mas primeiro temos que ver como vai ser esse empréstimo, né?”

Já o mecânico José Gomes, que mora com a irmã e o lunhado num barraco alugado por Cr\$ 500,00, por mês acha que o aterro e as casas ainda não satisfazem: “Precisamos de água, esgotos, farmácia e uma delegacia para pôr um pouco de moral aqui”.

Para uma moradora que conviveu cinco anos com o lixo — atual bairro Maria Ortiz —, após o aterro, “isso agora é um paraíso”. Mas ela não deixa de manifestar sua apreensão. O aterro já teria terminado, mas perto de sua casa ainda resta uma área enorme que não foi tocada. Ela aguarda o prosseguimento das obras — paradas há uns 15 dias — para solucionar os problemas de instalações sanitárias. “Minha fossa esborrou”, esclarece. “Não adianta nada fazer um serviço que terá que ser feito outra vez”.

Com uma faixa de mangue ainda por aterrar, a proliferação de mosquitos em Maria Ortiz continua. Mas, ao contrário do que acontece com Andorinhas, Ilha das Caieiras e São Pedro, o abastecimento de água parece se processar normalmente em Maria Ortiz.

Por ocasião do aniversário de Vitória, Carlito Von Schilgen anunciou para o último dia 12 a inauguração da escola integrada Maria Ortiz. No local, porém, o abandono em que se encontram as obras indica que isso poderá não acontecer tão cedo.

Por toda a parte há lixo, tábuas misturadas com fezes e urina. Na frente da construção, uma placa enorme indica que o valor da obra é de Cr\$ 3.651.112,00. O prazo de entrega seria de 180 dias. Porém, não se indica o início da construção...

Um antigo morador de Maria Ortiz, que prefere identificar-se como “o líder do mangue”, garante que “há mais de um mês nenhum operário põe os pés na obra”. E conclui, pessimista: “De promessas, estamos cheios!”.